

A IMAGEM DA MATERNIDADE EM *KONJAKU MONOGATARISHŪ*

Luiza Nana Yoshida

Konjaku Monogatarishū, uma coletânea de narrativas do século XII, comporta em seus trinta e um volumes mais de mil narrativas, por onde desfilam variadas figuras humanas, desde o imperador até o anônimo homem do povo.

Em seu estudo sobre a descrição da mulher em *Konjaku Monogatarishū*, Shigeru Moriyama¹ faz um levantamento sobre a figura feminina encontrada na Seção Secular (volumes 22 a 31) e destaca a seguinte classificação:

1. mulheres destemidas
 - a. mulheres com força brutal (4 narrativas)
 - b. mulheres habilidosas (2)
 - c. mulheres brilhantes (6)
 - d. mulheres ladras (2)
 - e. mulheres comerciantes (2)
 - f. mulher fundadora de uma ilha (1)
 - g. mulher que resiste (1)
2. mulheres de apurado gosto estético (12)
3. mulheres castas (3)
4. mulheres infiéis (7)
5. mulheres ciumentas (2)
6. mulheres frágeis
 - a. mulheres violentadas (7)

1. Shigeru Moriyama, "Konjaku Monogatarishūniokeru Joseino Egakitanitsuite" ("Sobre a Descrição da Mulher em Konjaku Monogatarishū"). In: *Onomichi Tanki Daigaku Kenkyū Kiyō* (Boletim Literário da Universidade Onomichi), vol. 32-1, 1983.

- b. mulheres raptadas (5)
- c. mulheres que quase foram sacrificadas (2)
- d. mulheres que se tornaram vítimas num caso amoroso (2)
- e. mulheres abandonadas pela família (5)
- f. mulheres que perderam entes queridos (2)
- 7. mulheres que entraram em contato com seres sobrenaturais
 - a. mulheres que tiveram mortes estranhas (7)
 - b. mulheres que se encontraram com seres sobrenaturais (5)
 - c. mulheres que se casaram com seres sobrenaturais (2)
 - d. mulheres que se tornaram seres sobrenaturais (4)
- 8. outros (6)

Trata-se de uma classificação que coloca em evidência a maneira pela qual as mulheres, sob uma particular condição de vida, enfrentam os problemas ou são envolvidas pelos acontecimentos à sua volta, e apresenta a dinamicidade do universo feminino de *Konjaku Monogatrishû*.

No nosso trabalho enfocaremos, em particular, a questão da maternidade que abordaremos sob o ponto de vista da juventude e da decrepitude.

Num estudo anterior sobre a figura feminina em *Konjaku Monogatarishû*², abordamos a questão da juventude e da decrepitude e levantamos as seguintes conclusões:

1. a condição de ser *wakaki omna* (mulher jovem) encontra-se relacionada com o fato de a mulher ser capaz de despertar a atração sexual e, assim, desempenhar o seu papel de mulher-sexo ou ser capaz de gerar filhos como mulher-procriadora;
2. no caso da mulher idosa que aparece com os qualificativos *toshi oitaru* (de idade avançada) ou *ouna* (anciã), a constatação feita foi a de que a mulher não é mais mulher, na medida em que ela não aparece como *toshi oitaru omna* (mulher de idade avançada), dando lugar a combinações como *toshi oitaru haha* (mãe idosa), *toshi oitaru oba* (tia idosa), *toshi oitaru ama* (monja idosa) ou aparece simplesmente como *ouna* (anciã). Desse modo, quando a mulher chega à decrepitude e perde o seu viço como mulher-sexo ou deixa de ser mulher fisiologicamente, tornando-se incapaz de cumprir o seu papel de mulher-procriadora, ela passa a desempenhar a função, não *de* mulher, mas *da* mulher, tais como mãe, tia, monja etc.

Tendo como referência as conclusões acima mencionadas, escolhemos duas narrativas de *Konjaku Monogatarishû* como objeto de análise. São elas:

- a. História 15/volume XXVII *Sobre a Jovem que Deu à Luz em Minami Yamashina e Foi Perseguida por um Ogro*
- b. 23/XXVII *Sobre uma Mãe Idosa que se Transforma em Ogro e Tenta Devorar os Filhos*

2. Cf. Luiza Nana Yoshida, "A Personagem Feminina de *Konjaku Monogatari* - A Juventude e a Decrepitude". *Estudos Japoneses*, São Paulo, vol. 12, 1992.

A figura consagrada da maternidade traz-nos à mente a imagem de uma mãe que contempla ternamente o filho, aninhado em seus braços. Retrocedendo-se no tempo, porém, damos conta de que a maternidade possui além dessa face sublime, uma outra bastante abominável.

Como lembra Hayao Kawai³, esse duplo aspecto da maternidade pode ser encontrado já em *Kojiki (Registro de Fatos Antigos)* do século VIII, na figura da deusa Izanami que gerou o arquipélago japonês, os vários fenômenos naturais tais como o vento, o ar e veio a falecer ao dar à luz o deus do fogo.

Atormentado pela saudade, seu companheiro Izanagi vai visitá-la no país dos mortos (*yomi-no-kuni*) e o que ele aí encontra é a figura horripilante e medonha de Izanami. Perseguido Izanagi, que foge apavorado ao deparar-se com a figura transformada da companheira, Izanami, a deusa-mãe que gerara o país, as montanhas e os rios é agora uma deusa da morte que lança uma maldição, prometendo tirar a vida de mil almas (que não deixam de ser seus filhos) por dia. Assim, segundo Kawai, “A imagem materna repleta de amor-criador e a repulsiva imagem materna que agarra e mata convivem dentro de uma mulher⁴”.

As narrativas acima citadas seguem a linha da imagem materna de Izanami pós-morte, que, diante daquela imagem consagrada de mãe-criadora, surge até como uma rejeição da própria maternidade.

A Maternidade como Função Procriadora

15/XXVII Sobre a Jovem que Deu à Luz em Minami Yamashina e Foi Perseguida por um Ogro

Em tempos passados, havia uma jovem que prestava seus serviços numa das residências oficiais erguidas nos limites do palácio imperial. Não tinha pais, parentes ou conhecidos e, não tendo para onde ir, permanecia em seu aposento e pensava temerosa: “O que será de mim, caso eu adoça?”, quando acabou engravidando, sem que tivesse um companheiro fixo a quem pudesse atribuir a paternidade.

Viu-se, então, diante de um destino ainda mais incerto e lamentava-se sozinha, mas pensando, antes de tudo, no local do parto, sentia-se perdida, pois não tinha também alguém a quem pudesse recorrer. “Vou falar com o meu amo”, pensou, mas, envergonhada, não teve coragem. Esta jovem era, no entanto, uma pessoa sagaz e raciocionou da seguinte maneira: “Quando sentir a proximidade do parto, levo a minha única criada, sigo em qualquer direção onde haja uma montanha cerrada e dou à luz, debaixo de qualquer árvore. Se eu morrer, ninguém ficará sabendo. Se eu sobreviver, voltarei como se nada tivesse acontecido.”

Assim decidiu, mas à medida que a época do parto se aproximava, sentia-se cada vez mais triste. Comportava-se, no entanto, do modo mais natural possível, e passava os

3. Hayao Kawai, *Bosei Shakai Nihonno Byôri (A Patologia do Japão da Sociedade Matriarcal)*. Tóquio, Chûô Kôronsha, 1976.

4. *Idem*, p. 194.

dias fazendo os preparativos, às escondidas, providenciando algumas provisões, orientando a sua criada, até que se aproximou a época do parto.

Breve, sentiu, numa madrugada, que chegara o momento e, pensando em sair antes do amanhecer, partiu do palácio, às pressas, deixando a cargo da criada o transporte das provisões e dos artigos de primeira necessidade.

“Ao leste devo alcançar mais rapidamente as montanhas” pensou, e, deixando a Capital, rumou para o leste, e viu o amanhecer na altura do leito do rio Kamogawa. “Ah, para que lado irei?”, pensou aflita e desorientada, mas não se deu por vencida e, descansando de tempos em tempos, seguiu para os lados de Awatayama e embrenhou-se mata adentro. Enquanto procurava um lugar apropriado, chegou a uma região denominada Kita Yamashina. Avistou na encosta da montanha um local onde se erguia algo como um bangalô. Havia uma velha construção em ruínas. Não havia, aparentemente, sinais de que fosse habitado. “Vou fazer o parto aqui e irei embora sozinha”, pensou e entrou, pulando a cerca com muito esforço.

Subiu no terraço da parte anexa da casa onde restavam partes do assoalho de madeira e, sentada, tomava fôlego, quando ouviu alguém que se aproximava dos fundos. “Meu Deus, há alguém morando aqui!”, espantou-se e acompanhou com o olhar a porta corrediça que se abria, quando viu surgir uma mulher idosa com a cabeça toda branca. “Com certeza, serei enxotada daqui!”, imaginou, mas a anciã sorriu afavelmente e disse: “Quem é você, uma visita tão inesperada?”, razão pela qual a jovem contou, aos prantos, toda a história tal qual acontecera.

“Pobrezinha! Faço questão que você tenha o seu bebê aqui!” disse a anciã, convidando-a para entrar, o que encheu a jovem de alegria. “É certamente uma dádiva de Buda!” pensou, dirigindo-se para o interior da casa, onde encontrou rústicas esteiras à sua disposição e onde, não muito tempo depois, deu à luz, sem qualquer problema.

A anciã aproximou-se, dizendo: “Não sabe como estou feliz! Como você pode ver, sou uma velha, perdida neste fim de mundo, por isso a impureza do parto não me incomoda. Fique pelo menos os sete primeiros dias, e deixe para partir, depois disso”, e mostrou-se muito prestativa, orientando a pequena criada na assistência do pós-parto, mandando esquentar a água para o banho do bebê. A jovem, muito feliz, não teve coragem de abandonar a criança, conforme planejara, ao ver que se tratava de um gracioso garoto e colocou-o para dormir, depois de amamentá-lo.

Passados, assim, dois ou três dias, a jovem fazia a sesta com o bebê ao lado, quando ouviu, um tanto sonolenta, a anciã dizer, olhando para ele: “Ah, parece apetitoso! É uma bocada só!”

A jovem acordou num sobressalto e sentiu calafrios ao dar de cara com a anciã. “É um ogro! Vou ser devorada, com certeza!”, pensou, então, consigo e decidiu: “De alguma maneira vou fugir sem ser descoberta.”

Assim, numa certa ocasião, enquanto a anciã dormia profundamente, durante a sesta, a jovem, às escondidas, amarrou o bebê nas costas da criada, e ela própria desvenilhada de qualquer peso, deixou o local, enquanto pedia proteção a Buda, e fugiu desesperada pelo mesmo caminho que viera, até que alcançou Awataguchi, logo a seguir. Daí, seguiu para o leito do rio, procurou abrigo numa modesta casa, onde se trocou, e, depois do entardecer, retornou para a residência do amo. Ela foi capaz de fazer tudo isso porque era uma pessoa sagaz. A criança foi adotada e criada por outrem.

Não se conhece o paradeiro da anciã, depois disso. O fato não foi também revelado a ninguém. O acontecimento foi relatado, mais tarde, já na velhice dessa jovem.

Pensando bem, em casas velhas como essa, mora sempre um ser desconhecido.

Por isso, o fato daquela mulher ter dito: “Ah, parece apetitoso! É uma bocada só!” é prova incontestável de que se tratava de um ogro.

Conta-se que, por essa razão, nunca se deve entrar sozinho num local como esse.

Na presente narrativa, a maternidade apresenta-se sob um aspecto negativo, na medida em que ocorre numa situação de ilegitimidade, focalizando o nascimento de uma criança ilegítima (pai desconhecido) e, desde o princípio, rejeitado pela mãe.

A solução encontrada pela jovem para contornar a situação é apresentada através do deslocamento espacial – afastar-se da Capital e gerar o filho em segredo, embrenhando-se nas montanhas. O deslocamento para um outro espaço, no caso a montanha, apresenta dois aspectos importantes:

- a. conforme constatamos num trabalho anterior⁵, a montanha representa o “outro mundo”, onde as pessoas tentam realizar aquilo que não podem ou lhes é proibido no seu mundo, ou ainda, a montanha surge como a morada de “outros seres” (não humanos);
- b. se por um lado, na Capital (mundo da jovem), gerar um filho ilegítimo era motivo de vergonha, por outro lado, na montanha (mundo da mulher idosa), o fato de a criança ser ilegítima ou não deixa de ter importância, dando-se relevância somente ao ato do nascimento.

Desse modo, quando se aproxima a época do parto, a jovem deixa o palácio em direção à montanha, antes do amanhecer. Cabe lembrar que o deslocamento temporal, delimitado pelo dia e pela noite, resulta na existência de dois tempos, respectivamente, o tempo histórico e o tempo extraordinário.

É “depois do escurecer” ou “antes do amanhecer” que deparamos com o surgimento de um “outro mundo”, diverso do mundo cotidiano. Dizemos que se trata de um “outro mundo”, pois encontra-se sempre envolto num clima de mistério, do inexplicável, do atemporal.

É “depois do escurecer” ou “antes do amanhecer” que os seres sobrenaturais surgem no mundo dos homens, os amantes deixam a casa da mulher amada, depois de uma noite de amor ou atos proibidos na sociedade diurna são realizados. É, portanto, “antes do amanhecer” que a jovem (mãe solteira) deve deixar o palácio, para dar à luz ao filho “sem pai”

Também o fato de a jovem encontrar-se no leito do rio Kamogawa ao amanhecer é bastante significativo, na medida em que o rio, muitas vezes, representa o limite entre dois mundos, ou como no caso da presente narrativa, marca o deslocamento de espaço. Chegar ao rio Kamogawa significa que a jovem encontra-se, já, fora dos limites da Capital, alcançando, desse modo, êxito no plano de deixar sorrateiramente a Capital, antes do amanhecer.

Quanto ao local escolhido para o parto, diz a jovem: “Quando sentir a proximidade do parto, levo a minha única criada, sigo em qualquer direção onde

5. Cf. Luiza Nana Yoshida, “A Figura do Oni em Konjaku Monogatari”. *Estudos Japoneses*, São Paulo, vol. 13, 1993.

haja uma montanha cerrada e dou à luz, debaixo de qualquer árvore.” Fica evidente que o parto deveria ser realizado na montanha, o que nos faz lembrar da crença popular de que a montanha era tida como um local sagrado onde habitavam os deuses (*sangaku shinkô*), representando, portanto, um outro universo, misterioso e desconhecido, habitado por seres também misteriosos e desconhecidos. Um local perfeito para dar à luz em segredo.

Sobre a questão da árvore, se no caso da presente situação o parto seria realizado debaixo de qualquer árvore, isso significa que em determinada situação, deveria existir uma árvore especial procurada pelas gestantes na hora do parto⁶. Isso remete-nos à crença popular que diz que, em determinadas regiões do Japão existem ou existiam tais árvores. Na província de Kôchi, por exemplo, corre uma lenda sobre uma árvore conhecida como *san-no-sugi*, “cipestre do parto”, procurada antigamente pelas gestantes em viagem⁷

A velha casa em ruínas representa espacialmente o mundo antigo, ou mais exatamente, uma cultura mais antiga, quando a composição da família não seguia ainda o conjunto pai + mãe + filho (s), mas uma primitiva organização familiar, formada pela mãe + filho (s), e a figura paterna existia apenas enquanto fecundador (mas não enquanto pai). Trata-se de uma primitiva estrutura familiar que girava em torno da figura da mãe, o único elo incontestável da ligação entre os filhos.

Quanto à jovem da presente narrativa, ela é descrita como uma pessoa sagaz, em dois momentos:

1. quando resolve ter o seu filho em segredo, embrenhando-se na montanha;
2. quando, depois de conseguir fugir do ogro, retorna para o palácio, como se nada tivesse acontecido.

Ou seja, a sagacidade encontra-se relacionada com o fato de a jovem ter conseguido resolver o seu caso – o nascimento de um filho ilegítimo – do modo mais racional e discreto possível.

Desse modo, ela dá à luz sem qualquer problema, deixa a criança para ser criada por outros e retoma a sua antiga vida como se nada tivesse acontecido.

Encontramos, então, na presente narrativa, a maternidade enfocada como função geradora própria de uma *wakaki omna* (mulher jovem), sem tocar no mérito da relação mãe/filho, propriamente dito. Embora a figura da “mãe” marque sua presença no momento logo após o parto, quando a jovem, ao ver a graciosa criança, não a abandona de imediato, conforme a intenção inicial e chega a amamentá-la do próprio peito, costume que, segundo Naoto Yoshiumi⁸, não era corrente na sociedade aristocrática da Era Heian, onde as amas-de leite

6. Cf. Observação feita pelo Prof. Masatsugu Aoki, Professor visitante da Universidade Feminina Fuji, Japão, junto à FFLCH da USP (1989-1990).

7. Cf. Kunio Yanagita, “Ôkamito Kajiyano Baba” (“O Lobo e a Velha do Ferreiro). In: *Momotarôno Tanjô* (O Nascimento de Momotarô), Col. Yanagita Kunio Zanshû, vol. 8, Tóquio, Chikuma Shobô, 1962, p. 225.

8. Naoto Yoshiumi, “Konjaku Monogatarishûno Ubatashi” (As Amas-de Leite de Konjaku Monogatarishû). In: *Kokugakuin Zasshi* (Revista Literária da Universidade Kokugakuin), vol. 86-2, 1985.

(*uba*) substituíam as mães, a criança é entregue a alguém, tão logo a jovem encontra-se fora dos limites do “outro mundo” Pode-se dizer que a maternidade encontra-se retratada enquanto função procriadora da mulher. Assim, não importa conhecer-se a identidade do pai, pois o seu papel limita-se à fecundação. Concebida no útero materno, a criança irá depender unicamente da mãe para poder nascer. A função procriadora do homem termina no momento da fecundação, diferentemente da mulher, em cujo corpo a criança vai se desenvolver até o momento do nascimento.

A Ruptura da Maternidade

23/XXVII Sobre a Mãe Idosa que se Transforma em Ogro e Tenta Devorar os Filhos

Já faz muito tempo, no distrito do país havia dois irmãos que tinham como profissão matar veados e javalis. Como sempre caçavam veados na montanha, os irmãos para lá se dirigiram juntos.

Estavam praticando a técnica conhecida como *machi*. Consistia em esperar o veado sobre uma madeira atada horizontalmente em dois galhos e flechá-lo, quando aparecesse embaixo. Sendo assim, os irmãos estavam, frente a frente, em cima da árvore, mantendo uma distância de aproximadamente 40 a 50 metros um do outro. Como estavam numa noite escura, dos fins de setembro, não se via nada em volta. Enquanto esperavam o veado, guiados apenas pela audição, a noite avançava, mas não havia nenhum sinal do veado.

Nesse instante, da parte de cima da árvore em que estava o irmão mais velho, uma criatura abaixou a mão e, segurando o seu cabelo, suspendeu-o. Ele, então, assustado, tocou a mão que segurava o seu cabelo e encontrou uma mão humana, esquelética e seca. “Deve ser o ogro que me levantou com a intenção de me devorar” deduziu, e pensando “Vou contar ao meu irmão aqui em frente” chamou-o e foi atendido.

“Se tivesse, nesse instante, alguma coisa me suspendendo pelo cabelo, o que você faria?” perguntou o irmão mais velho. “Se assim fosse, eu acertaria uma flecha nela” respondeu o irmão mais novo. “Para dizer a verdade, há alguma coisa me suspendendo pelo cabelo”, disse o irmão mais velho.

Quando o irmão mais novo exclamou: “Vou então atirar uma flecha, guiando-me pela sua voz”, gritou o mais velho: “Então, atirei!”. Ao seu comando, o irmão mais novo atirou, utilizando uma flecha com a ponta bifurcada. Tão logo passou por cima da cabeça do irmão mais velho, a flecha atingiu algo, ao que gritou o irmão mais novo: “Parece que acertei!”

Nesse instante, o irmão mais velho levou a sua mão para a cabeça e encontrou uma mão pendurada, decepada na altura do pulso. O irmão mais velho pegou-a e disse: “A mão que me agarrou foi atingida com certeza. Está aqui comigo. Bem, retornemos para casa, por hoje.” “Vamos” concordou o irmão mais novo, desceram da árvore e retornaram juntos para casa. Chegaram depois que a noite já se fazia alta.

A propósito, na casa estava a mãe bem idosa e com dificuldade de locomoção. Ela ficava num aposento isolado, cercado pelas casas dos dois irmãos, e quando os filhos retornaram da montanha, estranharam ao encontrar a mãe soltando gemidos.

“Por que os gemidos?”, perguntaram os filhos, mas não obtiveram resposta.

Nesse instante, acenderam uma tocha e os dois olharam para a mão decepada pela flecha, e perceberam a semelhança com a mão da mãe. Estranharam muito o fato e quanto mais olhavam, mais a semelhança ficava evidente.

Quando os filhos abriram a porta corrediça do quarto onde estava a mãe, ela se levantou e avançou sobre eles gritando: “Seus miseráveis...!”, razão pela qual os dois atiraram a mão, perguntando: “Esta é sua mão, minha mãe?”, fecharam a porta e saíram correndo.

Depois disso, dentro em pouco, a mãe faleceu. Os filhos se aproximaram e viram que ela estava sem uma das mãos, decepada na altura do pulso. Por isso, souberam que se tratava realmente da sua mão. Isto se explica pelo fato de que a mãe, devido à avançada idade, transformou-se em ogro e seguiu-os até a montanha, com a intenção de devorá-los.

Desse modo, as mães quando muito idosas, inevitavelmente transformam-se em ogro e tentam devorar seus filhos. Os filhos realizaram o funeral da velha mãe.

Conta-se que só de pensar em acontecimentos desse tipo, as pessoas tremiam de horror.

Na presente narrativa, a figura paterna é desconhecida, não sendo sequer mencionada, e a sua função pode ser considerada nula, por tratar-se de uma narrativa onde encontramos a figura da mãe já idosa e os filhos adultos (já concebidos).

Naturalmente, a imagem da mãe seguindo os filhos até a mata para devorá-los parece totalmente contraditória e incoerente, quando se pensa em maternidade, mas considerando-se a presente narrativa uma representação de ruptura da maternidade (a função materna termina no momento em que a mãe gera o seu filho), ela torna-se significativa.

O processo de ruptura é descrito simbolicamente da seguinte maneira: a narrativa inicia-se quando os dois irmãos estão de tocaia sobre uma árvore, à espera de uma caça. Isso representaria simbolicamente a criança ainda no útero materno, esperando o momento do parto, fato que vem enfatizado pelos seguintes índices: os irmãos encontram-se, frente a frente, sobre uma madeira disposta horizontalmente, amarrada entre dois galhos (em japonês, *ki-no-mata*, onde *ki* = árvore e *mata* = originalmente parte interna da coxa).

Trata-se de uma imagem que, transposta para o ser humano, identifica-se com o quadro onde uma criança espera o momento do parto dentro do ventre materno, com a cabeça voltada para a vagina. A espera encontra-se inclusive reforçada pela palavra *machi* que na narrativa indica uma técnica de caça, mas possui também o sentido de “espera”

A mão que surge para puxar um dos irmãos para cima, indica a contração, quando o útero empurra a criança para fora.

Cabe lembrar que todas as ações ocorrem em meio à escuridão, na maior parte da narrativa – “Como estavam numa noite escura dos fins de setembro, não se via nada em volta” – e os irmãos guiam-se somente através da audição e do tato, o que se identifica com a condição da criança no interior do ventre ma-

terno. A claridade só surge no fim da narrativa e representa o ato do nascimento. É quando, pela primeira vez, os irmãos conseguem ver a mão decepada e vão ao encontro da mãe. A mão decepada, nesse caso, simbolizaria o cordão umbilical e, portanto, a própria ruptura da maternidade, na medida em que mãe e filho separam-se fisicamente.

O processo de ruptura se completa, assim, com o rompimento do cordão umbilical, quando mãe e filho passam a ser dois corpos independentes. Isso está representado simbolicamente com a morte da mãe (completado o trabalho de parto, a criança não necessita mais da mãe para viver).

Quanto à questão da mãe que quer devorar os filhos, podemos considerar dois aspectos:

1. lembrando que certos animais devoram seus filhos, quando se vêem diante de um perigo iminente, para protegê-los do inimigo, o devorar pode representar o “instinto protetor” que as mães nunca deixam de sentir com relação aos filhos, mesmo depois de adultos;

2. considerando-se que o comer constitui uma das necessidades básicas do ser humano, o “devorar, o filho” poderia ser entendido como a representação simbólica da necessidade materna de resgatar o filho de volta ao seu útero e tê-lo como parte de seu corpo, para se sentir novamente completa. E essa necessidade vai se acentuando, quanto mais o filho se desenvolve e se torna independente dela (distanciamento).

Podemos concluir, desse modo, que a maternidade pode ser considerada sob dois enfoques: o primeiro, voltado para o emocional, que privilegia a relação mãe/filho (a imagem consagrada da maternidade) e não possui vínculo com a faixa etária da mulher; o segundo, onde a maternidade encontra-se ligada fundamentalmente à capacidade procriadora da mulher, e diz respeito à relação física (corpórea) mãe/filho, enquanto ser único. As duas narrativas de *Konjaku Monogatari*, acima analisadas, tornam-se, portanto, significativas, enquanto exemplos de maternidade sob esse segundo enfoque.

Bibliografia

- ISHIHARA, Chiaki – “Haha, Katei, Seino Hen'yô” (“A Transformação da Mãe, da Família e do Sexo”). In: *Shôwa Bungakushi* (História da Literatura da Era Shôwa); vol. 4. Tóquio, Yûseidô, 1989.
- KAWAI, Hayao – *Bosei Shakai Nihonno Byôri* (A Patologia do Japão da Sociedade Matriarcal). Tóquio, Chûô Kôronsha, 1976.
- KOBAYASHI, Sachiko et alii – *Onnato Hahano Aida* (Entre a Mulher e a Mãe). Tóquio, Chikuma Shobô, 1973.
- MURAI, Yasuhiko – “Kageno Bubun'eno Shôsha – Kaiitanno Kataru Mono” (“A Irradiação para o Obscuro – O Significado das Narrativa Sobrenaturais”). In: *Kokubungaku* (Estudos sobre a Literatura Japonesa), vol. 29-9. Tóquio, Gakutôsha, 1984.
- MORIYAMA, Shigeru – “Konjaku Monogatari niokeru Joseino Egakitanitsuite” (“Sobre a Descrição da Mulher em Konjaku Monogatari”). In: *Onomichi Tanki Daigaku Kenkyû Kiyô* (Boletim da Universidade Onomichi), vol. 32-1. Hiroshima, 1983.

- SANPEI, Kôko (org.) - *Nihonno Josei* (A Mulher Japonesa). Tóquio, Mainichi Shinbunsha, 1957.
- SHINODA, Masahiro - "Bosei aruiwa Jikoai" ("Maternidade ou Auto-estima") *In: Kokubungaku* (Estudos sobre Literatura Japonesa), vol. 23-4. Tóquio, Gakutôsha, 1978.
- TOKUE, Gensei - "Setsuwakara Mita Takai" ("O Outro Mundo visto através das Narrativas *Set-suwa*"). *In: Bungakuniokeru Mukôgawa* (O Outro Lado na Literatura). Tóquio, Meiji Shoin, 1985.
- TSURUTA, Kinya - "Mukôgawano Bungaku" ("A Literatura do Outro Lado"). *In: Bungakuniokeru Mukôgawa*. Tóquio, Meiji Shoin, 1985.
- YAMAMURA, Yoshiaki - *Nihonjinto Haha* (O Japonês e a Figura da Mãe). Tóquio, Tôyôkan Shuppansha, 1978.
- YANAGITA, Kunio - "Ôkamito Kajiyano Baba" ("O Lobo e a Velha do Ferreiro"). *In: Momotarô-no Tanjô* (O Nascimento de Momotarô). Col. Yanagita Kunio, vol. 8. Tóquio, Chikuma Shobô, 1962.
- YOSHIIUMI, Naoto - "Konjaku Monogatarishûno Ubatachi" ("As Amas-de Leite de Konjaku Monogatarishû"). *In: Kokugakuin Zasshi* (Revista Literária da Universidade Kokugakuin), vol. 86-2. Tóquio, 1985.
- ZEN-KINDAI JOSEISHI KENKUYÛKAI (org.) - *Kazokuto Joseino Rekishi - Kodai/Chûsei* (A História da Família e da Mulher - Antigüidade/Idade Média). Tóquio, Yoshikawa Kôbunkan, 1989.